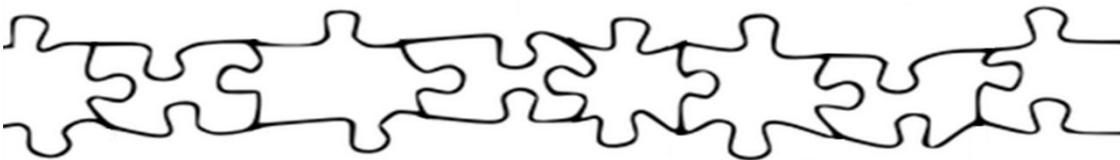


Prefácio: Entre as direitas e os “ismos” da História



João Fábio Bertonha

É doutor em História pela Universidade de Campinas (Unicamp) e livre-docente pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de História (graduação e pós-graduação) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Paraná. É autor de vasta bibliografia sobre a direita, extrema-direita e relações internacionais, entre artigos, livros e guias bibliográficos. Colaborador do GEINT, entre suas obras estão *Plínio Salgado. Biografia Política – 1895 – 1975* (Edusp, 2018); *La Legione Parini. Gli italiani all'estero e la Guerra d'Etiopia 1935-1936* (Milano, Unicopli: 2018) e *Fascismo, antifascismo e as comunidades italianas no exterior: Guia bibliográfico – 1922-2015* (EdiPUCRS: 2017), dentre outras. Site: www.joaofabiobertonha.com.

O presente livro oferece ao leitor, interessado nas temáticas relacionadas ao universo da extrema-direita, uma ampla gama de artigos de grande utilidade. Tais artigos abordam desde temas da história do tempo presente – como os relacionados ao regime militar, aos *skinheads* ou aos *Black Blocs* – como também reflexões mais amplas, como aquelas relacionadas ao antissemitismo, à formação da sociedade de massas contemporânea e outras. Um dos tópicos que mais me chamou a atenção, contudo, foi a atenção dispensada aos movimentos de direita radical que não se encaixam dentro do modelo do fascismo.

É lugar comum a afirmação de que o período entreguerras foi a “era dos fascismos”. É verdade que, a partir da ascensão de Hitler ao poder, a perspectiva fascista se tornou a dominante dentro do campo da direita em muitos países. No entanto, durante a década de 1920, com a exceção de alguns pequenos grupos espalhados por todo o mundo ocidental, o fascismo se restringia à Itália e, na de 1930, o único país ocidental que se tornou fascista foi a Alemanha (e, talvez, a Áustria), criando uma dicotomia de colaboração e conflito entre duas matrizes de fascismo que se estendeu até 1945.

Na verdade, o período entre as duas guerras mundiais poderia ser mais bem descrito como o auge do conservadorismo de direita e da “direita radical”. Na maior parte do mundo ocidental, os governos de esquerda, seja a moderada, seja a radical – como os de Cárdenas no México, o de Franklin Roosevelt nos EUA, a Frente Popular na França, a URSS de Stalin e outros – continuaram a estar presentes, assim como os movimentos e partidos desse campo político.

Na maior parte do período, contudo, a política foi comandada pela direita, normalmente a conservadora, preocupada com a radicalização política e que não hesitou em caminhar para a ditadura para dar conta dos seus objetivos. Uma direita liberal e democrática continuou a predominar nos países de língua inglesa ou em partes da Escandinávia, mas a direita conservadora (modernizante ou não) foi a predominante na península Ibérica, na América Latina, na Europa oriental e em outros pontos do planeta. Do mesmo modo, as antigas manifestações da direita – conservadora ou reacionária – que existiam desde o século XVIII voltaram a adquirir consistência, como os reacionários católicos, as ligas anticomunistas e outros.

O entreguerras não foi, portanto, a “era dos fascismos” - apesar da enorme importância desses nos acontecimentos daqueles anos -, mas a era das direitas conservadoras e radicais, que estiveram no comando na maior parte dos casos conhecidos e que anularam, muitas vezes, não só as forças da esquerda, como também o próprio fascismo.

Esclarecendo melhor, a ideia com a qual trabalho é a de uma cultura específica da direita, nos termos de Norberto Bobbio, a qual se divide em subculturas, dentro de uma perspectiva concêntrica. Ou seja, dentro da cultura política da direita, existe um campo democrático (os conservadores liberais, por exemplo) e um autoritário, que recusa justamente o sistema liberal-democrático.

Dentro do campo autoritário, por sua vez, há os que se limitam a defender soluções de força para manter a sociedade do jeito que ela é (caso de muitos conservadores) e outros que vão além, propondo uma reorganização social mais ampla e radical, com a adição de elementos como visões conspiracionistas, a História como a luta entre o bem e o mal, etc. Essa última é a “direita radical” ou “extrema-direita”, dentro da qual temos desde os que procuram restaurar um passado mítico, como os reacionários, até os que se adaptaram à modernidade capitalista e democrática, mas negando-a, como os fascistas. Limitar o estudo da direita nos anos 1920 e 1930, e mesmo hoje, à questão do fascismo, seria simplificar um fenômeno muito mais complexo.

O presente livro avança nessa discussão, apresentando, por exemplo, um artigo a respeito dos vários grupos monarquistas e reacionários, como os “capacetes de aço” que atuavam na Alemanha de Weimar, e outro sobre o grupo ligado à revista *Gil Blas* no Rio de Janeiro no início da década de 1920. Todos no campo da direita radical, mas longe de serem fascistas, o que não os impediu, contudo, de se aliarem – de forma individual ou institucional – ao nazismo e ao integralismo brasileiros na década seguinte.

As relações entre esses vários grupos e movimentos caminhavam, quase todo o tempo, por um eixo que combinava desconfiança e aproximação, disputa e aliança, conforme a conjuntura. Do mesmo modo, eles se autoinfluenciavam, trocavam ideias e experiências, sem que isso significasse, automaticamente, filiação ou total identidade.

Charles Maurras, abordado em um dos artigos dessa coletânea, é especialmente emblemático disso. Maurras foi leitura obrigatória dentro

do campo da direita entre o fim do século XIX e a metade do século XX. Defensor da monarquia, de um tipo de corporativismo e fortemente antissemita, ele estava muito mais próximo do reacionarismo católico do que do fascismo, o que não o impediu de flertar com Hitler durante a ocupação alemã e de simpatizar com Mussolini. Do mesmo modo, ele era lido e admirado nos círculos fascistas, o que não significa afirmar que todos os que o liam e citavam eram monarquistas ou reacionários. Entender que simpatizar e aceitar uma aliança é diferente de aderir incondicionalmente é algo essencial para compreender a complexidade da política no século XX e mesmo hoje.

Nesse ponto, discordo, por exemplo, de análises que identificam uma influência substancial da *Action Française*, do integralismo lusitano e da Doutrina Social da Igreja em Plínio Salgado (e no integralismo) nos anos 30. Segundo essa visão, o pensamento de Plínio seria uma convergência do pensamento de Maurras, mediado pelo integralismo lusitano, e de aspectos do fascismo italiano. Em termos teóricos, contudo, isso era impossível. Podia-se ser um fascista com leituras e admiração por Maurras e Pio XI, ou um monárquico católico com simpatias pelo fascismo; mas a soma das duas partes é, em termos teóricos, impossível, pois seria fundir concepções de política e de sociedade próximas, mas não equivalentes.

Essas aproximações e distanciamentos também se alteravam no decorrer do tempo, pelo que estudos sobre, por exemplo, a produção jornalística dos líderes da AIB antes de 1932 podem ser de grande utilidade. Análises de trajetórias de vida, como a de Carlos Keller, um dos ideólogos do fascismo chileno, também são esclarecedoras, como indicam outros artigos dessa coletânea.

Outro aspecto de destaque no livro é a (re)discussão do tema do totalitarismo e de Hannah Arendt. O termo tem sido submetido, com razão, a um bombardeio de críticas nos últimos anos. Escrevo “com razão” porque, realmente, ele levou a comparações – instrumentalizadas durante a Guerra Fria – que não se sustentam, como reunir no mesmo patamar a Alemanha Nazista e a URSS de Stalin. Tais regimes eram emanações das tradições da esquerda e da direita (pensando nas definições de Bobbio) e procuravam construir desigualdade ou igualdade absolutas e, nesse sentido, reunir Moscou e Berlim na mesma classificação é dificilmente aceitável.

Outra crítica real ao conceito é que em nenhum lugar conhecido, incluindo a Alemanha de Hitler e a URSS stalinista, ele foi aplicado na sua totalidade. Só em romances, como o brilhante “1984” de George Orwell, é que podemos imaginar os horrores de um tal regime. Historicamente, contudo, ele nunca se constituiu realmente.

No entanto, se pensarmos em regimes e movimentos com uma perspectiva totalitária ao invés de plenamente totalitários, a questão talvez possa assumir outro significado. Se totalitarismo é a mobilização da sociedade e das pessoas com o intuito de modificá-las, buscando um controle completo da sociedade pelo Estado, tivemos historicamente movimentos e regimes com perspectivas totalitárias, sem nunca, entretanto, realizá-las por completo. Nesse sentido, o conceito, a meu ver, se torna novamente válido.

Dessa forma, passamos a contar com um instrumental analítico para entender as aproximações, reais, entre os regimes de Stalin e Hitler (ainda que mais no instrumental, para mudar pela força as suas sociedades, do que nos objetivos para essas), os esforços do regime fascista italiano, não perfeitamente bem-sucedidos, para sair de um padrão autoritário para um totalitário, e as diferenças entre regimes e movimentos autoritários e totalitários. Essas diferenças, aliás, são cruciais para entendermos por que, como indicado acima, tantos movimentos fascistas foram eliminados - no entreguerras -, por regimes conservadores e autoritários de direita.

Ainda nesse sentido, a questão das milícias integralistas deveria ser mais bem compreendida, até para indicar as similaridades e diferenças do integralismo com os fascismos clássicos, italiano ou alemão. Elas são, ainda, um dos capítulos mais obscuros da história do movimento e estudá-las deveria ser uma prioridade para os historiadores. Por isso, é alentador constatar a existência, nesse livro, de um artigo sobre Francisco de Assis Hollanda Loyola, um dos fundadores da moderna Educação Física no Brasil e mestre de campo da Milícia integralista.

Em resumo, muito resta ainda a estudar e compreender sobre as várias direitas e os vários “ismos” que marcam a política moderna e, em especial, a do século XX. O presente livro é mais um passo nessa direção.